



as pensões e aposentadorias e também alivia a situação dos trabalhadores assalariados que têm no salário mínimo referência na ocasião de barganhar condições de remuneração. Ao lado disso ocorreu a antecipação da meta de universalização do programa bolsa família junto às camadas mais depauperadas da população brasileira. Afirmar-se de que são medidas eleitoreiras decorre, em primeiro lugar, de a área econômica, o Ministério da Fazenda e o Banco Central, orientar-se pela ideologia liberal e essas benesses foram toleradas, porque são transitórias e momentâneas, e, em segundo lugar porque previa-se que os ganhos de arrecadação neste ano seriam suficientemente altos para garantir o superávit primário, mesmo considerando-se os impactos que o reajuste do mínimo traria às despesas previdenciárias. No próximo ano, prevê-se um controle mais estrito nas contas públicas para compensar a farra fiscal de 2006.

Essas benesses, além de não afetar as metas de superávit primário, não abalam as expectativas de inflação do mercado: as condições externas estão por enquanto ajudando, na medida em que o comércio internacional pujante combinado com diferencial de juros a favor dos capitais móveis estrangeiros elevam a oferta de divisas estrangeiras, rebaixando sua cotação e favorecendo o controle da inflação e para certos preços, como de alimentos, verifica-se até mesmo sistemática deflação.

Esse mecanismo reverte nas expectativas do mercado, que faz apostas de uma inflação sensivelmente inferior ao centro da meta projetada deste ano e para o próximo também, e assim faculta o Bacen, mesmo com "parcimônia", a reduzir os juros básicos garantindo, ao mesmo tempo, uma rentabilidade média real aos portadores da dívida pública em torno de 10 % .

A queda da inflação, sobretudo em itens da cesta básica, reforça o próprio apoio popular a Lula do seguinte modo: 1º aumento nominal do salário mínimo em condições de queda dos preços dos produtos básicos da cesta de consumo permite aos segmentos mais pobres desfrutar de um enriquecimento de sua cesta de consumo tradicional; 2º as parcelas da classe operária organizada em sindicatos nos últimos anos, em virtude das condições do mercado externo e de suas repercussões na economia nacional, pôde na sua maior parte repor inflação passada nas datas base e em alguns importantes casos obter ganhos reais. É claro que o dólar barato e a modernização tecnológica muitas vezes mais do que compensam esses reajustes salariais.

A candidatura lulista é, assim, a única a possuir inserção em todas as faixas dos que vivem do trabalho, desde os depauperados até os segmentos de elevada qualificação e experiência organizativa no seio do operariado brasileiro. Ao mesmo tempo, a recandidatura tem apoio do capital e de suas organizações políticas e de classe, pois confiam que a política econômica seguirá as regras e acordos, manterá a preocupação constante com a transparência e comunicação, atendendo os desejos de credibilidade dos possuidores do enorme passivo financeiro do Estado Brasileiro: o tripé da política econômica, baseado em metas de inflação combinadas com câmbio flutuante e superávit primário, será, em suma, mantido.

Enfim, a falta de carisma de Alckmin é tão pouco convincente para explicar sua estagnação eleitoral quanto o propalado excesso dele em Lula a justificativa principal para sua enorme popularidade: Lula poderia fazer como sempre fez, usar os símbolos do futebol para falar de política, alegando que agindo assim comunica-se sem intermediários com o povo, entende sua alma, como costuma orgulhosamente repetir. Essa "incrível" comunicação encontraria, entretanto, ouvidos surdos se a atual política econômica não oferecesse gordos resultados ao capital, se os trabalhadores de média e alta qualificação organizados em sindicatos não tivessem obtido nos últimos anos reposição integral da inflação passada e em alguns casos até ganhos reais e finalmente as camadas do lupemproletariado brasileiro não tivessem melhorado suas condições de vida com os

programas de renda mínima e com os benefícios da seguridade social corrigidos por uma "eleitoreira" política de salário mínimo.

As condições macroeconômicas internas e externas estão, assim, assegurando esse pacote de "bondades" que no seu conteúdo contrariam a lógica da política econômica atual. Tanto é assim que membros influentes na base de apoio lulista no Congresso, como Delfim Netto (que alardeia com orgulho que regularmente tem a honra de tomar café com o presidente), estão aventando a possibilidade de um ajuste fiscal mais rigoroso, ressuscitando a tese do equilíbrio fiscal; naturalmente, a obtenção dessa meta nas atuais circunstâncias da economia exigirá um profundo ajuste nas contas públicas colocando sob pressão as débeis conquistas da seguridade social e dos mecanismos de proteção trabalhista, situação que seria favorecida pela expectativa de perda de cadeiras no parlamento pelo PT e da necessidade de um arco político de apoio no congresso com agremiações partidárias pró-reforma previdenciária e trabalhista. Com Lula, prossegue Delfim, essas reformas, que o próprio ex-"czar" da economia reconhece antipopulares, seriam aceitas pelo povo, pela origem social de Lula: é esse o papel que é reservado ao atual presidente, que nenhum outro faria melhor, qual seja: realizar em nome do povo, sob o manto "democrático", reformas que significarão piora nas condições de vida e de segurança sócio-econômica dos brasileiros.

Ao mesmo tempo, o PT elabora sob a coordenação do sério e bem intencionado professor Marco Aurélio Garcia (assessor especial de Lula em questões internacionais) um programa que promete elevar a taxa de investimento a 25% do PIB, o que sustentaria a previsão de um crescimento econômico a uma média de 6% a.a. durante o segundo mandato de Lula: tratar-se-ia de feito notável, que mereceria um estudo aparte dos historiadores do capitalismo: a economia americana (os economistas dos mais diversos matizes reconhecem isso) avizinha-se de uma crise, cujas repercussões imediatas sobre as economias européias, japonesa e chinesa, todas dependentes da demanda norte-americana, levariam o resto do mundo a na melhor das hipóteses a uma séria desaceleração econômica, quando não uma depressão aberta e profunda para reciclar os imensos passivos financeiros das famílias americanas e os débitos externos do conjunto da economia dos EUA. Como seria possível o Brasil "acordar" justamente quando a economia mundial poderá entrar em hibernação, se hibernou quando a economia mundial estava em frenesi?!

**A JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.